

Marília, _____ de _____ de _____.

NOME: _____

TURMA: _____

A- Leia o trecho abaixo do livro “*A Bolsa Amarela*” de Lygia Bojunga Nunes:

CAPÍTULO 01 - AS VONTADES

Eu tenho que achar um lugar pra esconder as minhas vontades. Não digo vontade magra, pequenininha, que nem tomar sorvete a toda hora, dar sumiço da aula de matemática, comprar um sapato novo que eu não agüento mais o meu. Vontade assim todo o mundo pode ver, não tô ligando a mínima. Mas as outras - as três que de repente vão crescendo e engordando toda a vida - ah - essas eu não quero mais mostrar. De jeito nenhum. Nem sei qual das três me enrola mais. Às vezes acho que é a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança. Outra hora acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina.

Mas hoje tô achando que é a vontade de escrever. Já fiz tudo pra me livrar delas.

Adiantou? Hmm! é só me distrair um pouco e uma aparece logo. Ontem mesmo eu tava jantando e de repente pensei: puxa vida, falta tanto ano pra eu ser grande. Pronto: a vontade de crescer desatou a engordar, tive que sair correndo pra ninguém ver.



Faz tempo que eu tenho vontade de ser grande e de ser homem. Mas foi só no mês passado que a vontade de escrever deu pra crescer também. A coisa começou assim: Um dia fiquei pensando o que é que eu ia ser mais tarde. Resolvi que ia ser escritora. Então já fui fingindo que era. Só pra treinar. Comecei escrevendo umas cartas:

"Prezado André,

Ando querendo bater papo. Mas ninguém tá a fim.

Eles dizem que não têm tempo. Mas ficam vendo televisão. Queria te contar minha vida. Dá pé?

Um abraço da Raquel."

No outro dia quando eu fui botar o sapato, achei lá dentro a resposta:

"Dá.

André."

Parecia até telegrama, que a gente escreve bem curtinho pra não custar muito caro. Mas não liguei. Escrevi de novo:

"Querido André

Quando eu nasci minhas duas irmãs e meu irmão já tinham mais de dez anos. Fico achando que é por isso que ninguém aqui em casa tem paciência comigo: todo o mundo já é bem grande há muito tempo, menos eu. Não sei quantas vezes eu ouvi minhas irmãs dizendo: "A Raquel nasceu de araque. A Raquel nasceu fora de hora. A Raquel nasceu quando a mamãe já não tinha mais condições de ter filho."

Tô sobrando, André. Já nasci sobrando. É ou não é?

Um dia perguntei pra elas: "Por que é que a mamãe não tinha mais condições de ter filho?"

Elas falaram que a minha mãe trabalhava demais, já tava cansada, e que também a gente não tinha dinheiro pra educar direito três filhos, quanto mais quatro.

Fiquei pensando: mas se ela não queria mais filho por que é que eu nasci? Pensei nisso demais, sabe?

E acabei achando que a gente só devia nascer quando a mãe da gente quer ver a gente nascendo. Você não acha, não?

Raquel."

Dois dias depois chegou a resposta. Estava escrita bem no cantinho do papel que embrulhava o pão:

"Acho

André."

Não gostei de receber de novo telegrama em vez de carta. Mas assim mesmo continuei contando a minha vida pra ele:

"Oi, André!

O pessoal aqui em casa até que se vira: meu pai e minha mãe trabalham, meu irmão tá tirando faculdade, minha irmã mais velha também trabalha, só vejo eles de noite. Mas minha irmã mais moça nem trabalha nem estuda, então toda hora a gente esbarra uma na outra. Sabe o que é que ela diz? Que é ela que manda em mim, vê se pode. Não posso trazer nenhuma colega aqui: ela cisma que criança faz bagunça em casa. Não posso nunca ir na casa de ninguém: ela sai, passa a chave na porta, diz que vai comprar comida (ela vai é namorar) e eu fico aqui trancada pra

atender telefone e dizer que ela não demora. Bem que eu queria pular a janela, mas nem isso dá pé: sexto andar. Essa irmã que eu tô falando é bonita pra burro, você precisa ver. Nem sei o que é que ela é mais: se bonita ou mascarada.

Imagina que outro dia ela me disse: "Eu sou tão bonita que não preciso trabalhar nem estudar: tem homem assim querendo me sustentar; posso escolher à vontade."

Aí eu inventei que o Roberto (um grã-fino que ela quer namorar) tinha falado mal dela. "Sabe o que é que ele andou espalhando?" - eu falei - "que você é tão burra que chega a meter aflição." Levei uns cascudos que eu vou te contar. E de noite, quando o pessoal chegou (fui cedo pra cama porque vi logo vi que ia dar galho), ela contou que eu continuava a maior inventadeira do mundo. Aí foi aquela coisa: o pessoal todo ficou contra mim. Fui dormir na maior fossa de ser criança podendo tão bem ser gente grande. Não era pra eu ter inventado nada; saiu sem querer. Sai sempre sem querer, o que é que eu posso fazer? E dá sempre confusão, É tão ruim!

Escuta aqui, André, você me faz um favor? Para com essa mania de telegrama e me diz o que é que eu faço pra não dar mais confusão. POR FAVOR, sim?

Raquel."

Esperei a resposta uma porção de dias. Até que uma tarde deu uma ventania danada. A janela do quarto estava aberta, entrou uma folha de árvore, poeira, e um papel todo escrito com a letra do André.

Vibrei: era uma carta no duro, maior até do que as minhas:

"Querida Raquel,

Pra falar a verdade eu preferia não me meter nessa história: uma vez fui desenrolar o problema de uma amiga minha e acabei me enrolando todo também. Mas você pediu POR FAVOR, e fica uma coisa um bocado chata não atender um favor tão pedido com letra grande. Então eu pensei bastante, e acabei achando que pra não dar mais confusão você tem que fazer o seguinte: daqui pra frente você só inventa inventado, tá compreendendo como é que é? Se você inventa uma história com gente que não existe, aposto que ninguém liga.

Teu pessoal só fica chateado porque no meio da invenção você bota o namorado da tua irmã no meio, ou então o gato da vizinha, ou então a tia Brunilda, ou não sei quem mais. Mas se você inventa um caso com gente inventada, com bicho inventado, com tudo inventado, aposto que não te dão mais cascudo nem..."

Eu estava tão ligada na carta do André que nem tinha visto o meu irmão atrás de mim lendo também. Ele arrancou a carta:

- Quem é o André?

- Ninguém. O André é inventado.

Ele me olhou com aquela cara desconfiada que eu conheço tão bem.

- Já vai começar, é?

- Palavra de honra. Eu tenho mania de juntar nome que eu gosto, sabe? E eu gosto um bocado de André. Aí, quando foi no outro dia, eu estava sem ninguém pra bater papo e então inventei um garoto pro nome. Um garoto legal: dois anos mais velho que eu, cabelo e olho preto, e pensando assim igual a mim. Aí comecei a escrever pra ele.

- Escuta aqui: por que é que você acha que eu vou acreditar nessa história?

- Porque é verdade, ué.

- Ele é teu namorado? É aluno lá da escola?

- Que que há? Tô dizendo que ele é inventado. Invento onde é que ele vai escrever, invento o que é que ele vai dizer, invento tudo.

Meu irmão fez cara de gozação:

- E por que é que você inventou um amigo em vez de uma amiga?

- Porque eu acho muito melhor ser homem do que mulher.

Ele me olhou bem sério. De repente riu:

- No duro?

- É, sim. Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele sempre é um garoto. Que nem chefe de família: é sempre o homem também. Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo do jogo que eu gosto, todo o mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. É só a gente bobear que fica burra: todo o mundo tá sempre dizendo que vocês é que têm que meter as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter responsabilidade, que - puxa vida! - vocês é que vão ter tudo. Até pra resolver casamento - então eu não vejo? - a gente fica esperando vocês decidirem. A gente tá sempre esperando vocês resolverem as coisas pra gente. Você quer saber de uma coisa? Eu acho fogo ter nascido menina.

Meu irmão nem ligou. Mas também por que é que ele ia ligar? eu tava dizendo que ser homem bom... Aí eu pensei que ele ia curtir conversar comigo, mas ele virou e disse:

- Então me conta: quem é o André?

Quase caí pra trás:

- Mas eu já te contei!

Conta melhor. Eu não tô acreditando que essa transa toda é só pra ter um papo.

- Bom, só-só não.

- Ah!.

- O quê?

- Conta.

- É o seguinte: eu resolvi que eu vou ser escritora, sabe? E escritora tem que viver inventando gente, endereço, telefone, casa, rua, um mundo de coisas. Então eu inventei o André. Pra já ir treinando. Só isso.

Aí meu irmão fechou a cara e disse que não adiantava conversar comigo porque eu nunca dizia a verdade. Fiquei pra morrer:

- Puxa vida, quando é que vocês vão acreditar em mim, hem? Se eu tô dizendo que eu quero ser escritora é porque eu quero mesmo.

- Guarda essas idéias pra mais tarde, tá bem? E em vez de gastar tempo com tanta bobagem, aproveita pra estudar melhor. Ah! e olha: não quero pegar outra carta do André, viu?

O que eu vi é que a gente não tinha mais papo. Nem respondi. E assim que ele saiu escrevi correndo um bilhete: Não adianta, André: gente grande não entende a gente. E então é melhor eu nem te escrever mais.

E pronto: nunca mais escrevi.

Passsei uns tempos sem escrever carta nenhuma. Mas um dia eu não tinha nada pra fazer e pensei: "ah, também que que há?".

Fui no meu esconderijo de nomes, peguei um nome que eu adoro, inventei uma amiga pra ele, e comecei a escrever pra ela:

"Lorelai:

Era tão bom quando eu morava lá na roça. A casa tinha um quintal com milhões de coisas, tinha até galinheiro. Eu conversava com tudo quanto era galinha, cachorro, gato, lagartixa, eu conversava com tanta gente que você nem imagina, Lorelai. Tinha árvore pra subir, rio passando no fundo, tinha cada esconderijo tão bom que a gente podia ficar escondida a vida toda que ninguém achava. Meu pai e minha mãe viviam rindo, andavam de mão dada, era uma coisa muito legal da gente ver. Agora tá tudo diferente: eles vivem de cara fechada, brigam à toa, discutem por qualquer coisa. E depois, toca todo o mundo a ficar emburrado.

Outro dia eu perguntei: o que é que tá acontecendo que toda hora tem briga? Sabe o que é que eles falaram? Que não era assunto pra criança. E o pior é que esse negócio de emburramento em casa me dá uma aflição danada. Eu queria tanto achar um jeito de não dar mais bola pra briga e pra cara amarrada. Será que você não acha um jeito pra mim?

Um beijo da Raquel."

Ela escreveu a resposta na última folha do caderno de comunicação:

"Querida amiga,

Acho que o único jeito é você voltar pro quintal da tua casa. Lá o pessoal anda de mão dada, não tem briga, não tem cara amarrada, e ainda por cima tem gato, rio, galinheiro, aposto que até coelho tem.

L."

Respondi na mesma hora dizendo que tinha coelho sim, mas que aquilo não era jeito.

Como é que eu ia voltar pro meu quintal? Sozinha? Então eles iam deixar? No dia seguinte, quando entrei no elevador, encontrei um papel caído no chão. Era um bilhete da Lorelai:

"Raquel

Você foge e pronto.

Um beijo da Lorelai."

A coisa começou a esquentar. Escrevi dizendo que tá bem: eu ia: mas só se ela fosse comigo. Ela topou. Então inventei a viagem. Foi aí que a minha irmã cismou de fazer arrumação no armário e achou as cartas atrás da gaveta. Armou um barulho daqueles!

"Quem é essa tal Lorelai que quer te ajudar a fugir de casa?" Comecei a explicar que ela era inventada, que a viagem era inventada, que - mas ela não deixou eu acabar de falar.

Disse que eu não tinha jeito, me deu puxão de orelha, fez queixa pro meu pai, o pessoal ficou de novo contra mim, e eu comecei a desconfiar que a gente ser escritora quando é criança não dá pé. Desisti de escrever carta.

Fiquei uma porção de dias pensando no meu pessoal pra ver se entendia por que é que eles zangavam tanto comigo. Acabei desistindo também: gente grande é uma turma muito difícil de entender.

Mas em compensação tive uma idéia: "E se eu escrevo um romance? Aí ninguém mais pode ficar contra mim porque todo o mundo sabe que romance é a coisa mais inventada do mundo."

Achei a idéia legal e escrevi o romance. Pequeno. Achei que pra começar era bom fazer um bem pequeno. Era a história de um galo chamado Rei - lindo de morrer - que um dia fica louco pra largar a vida de galo. Ele morava num galinheiro com quinze galinhas, mas ele era um cara muito igual e então achava que era galinha demais pra um galo só. Pra contar a verdade, ele vivia até um bocado sem jeito de ser chefe de uma família tão esquisita assim.

Então ele resolve fugir do galinheiro. Mas aí dá medo de todo o mundo ficar contra ele. E então ele passa o romance inteirinho naquela aflição de foge, não foge. Quando chega bem no fim da história, ele resolve o seguinte: se a vida dele era furada, ele tinha mesmo que fugir e pronto. E aí ele foge. Era domingo quando eu acabei a história. Me

chamaram pro cinema. Saí às carreiras, larguei o romance no quarto. Minha irmã pegou e leu (Quando eu cheguei em casa ela perguntou: "Como é que você pode pensar tanta besteira, hem, Raquel?"). Achou gozado e deu pra minha mãe ler.

E a minha mãe deu pro meu pai.

E o meu pai deu pro meu irmão.

E o meu irmão deu pra minha outra irmã.

E ela deu pra vizinha.

E a vizinha deu pro marido, que ainda por cima é síndico.

Quando eu voltei do cinema encontrei todo o mundo rindo da minha história. Era um tal de fazer piada de galo, de galinha, de galinheiro, que não acabava mais. E o pior é que eles não estavam rindo só da história: tavam rindo de mim também, e das coisas que eu pensava. Foi me dando uma raiva de ter largado o romance no quarto que, de repente, sem pensar no que eu estava fazendo, peguei meu romance e rasguei todinho.

Rasguei o galo chamado Rei, a família esquisita que ele tinha, rasguei o galinheiro inteiro, e tudo que tinha lá dentro. Resolvi que até o dia de ser grande não escrevia mais nada. Só dever de escola e olhe lá.

Foi daí pra frente que a vontade de ser escritora desatou a engordar que nem as outras duas.

Se o pessoal vê as minhas três vontades engordando desse jeito e crescendo que nem balão, eles vão rir, aposto. Eles não entendem essas coisas, acham que é infantil, não levam a sério.

Eu tenho que achar depressa um lugar pra esconder as três: se tem coisa que eu não quero mais é ver gente grande rindo de mim.

CAPÍTULO 2 - A BOLSA AMARELA

Meu irmão chegou em casa com um embrulho. Gritou da porta:

- Pacote da tia Brunilda!

Todo o mundo correu, minha irmã falou:

- Olha como vem coisa.

Rebentaram o barbante, rasgaram o papel, tudo se espalhou na mesa. Aí foi aquela confusão:

- O vestido vermelho é meu.

- Ih, que colar bacana! vai combinar com o meu suéter.

- Vê se veio alguma camisa do tio Júlio pra mim.

- Que sapato alinhado, tá com jeito de ser meu número.

Eu fico boba de ver como a tia Brunilda compra roupa. Compra e enjoa. Enjoa tudo: vestido, bolsa, sapato, blusa. Usa três, quatro vezes e pronto: enjoa. Outro dia eu perguntei:

- Se ela enjoa tão depressa, pra que que ela compra tanto? É pra poder enjoar mais?

Ninguém me deu bola. Fiquei pensando no tio Júlio. Meu pai diz que ele dá um duro danado pra ganhar o dinheiro que ele ganha. Se eu fosse ele, eu ficava pra morrer de ver a tia Brunilda gastar o dinheiro numas coisas que ela enjoa logo. Mas ele não fica. Eu acho isso tão esquisito! Outra coisa um bocado esquisita é que se ele reclama, ela diz logo: "Vou arranjar um emprego." Aí ele fala: "De jeito nenhum!" E dá mais dinheiro. Pra ela comprar mais. E pra continuar enjoando. Vou ver se um dia eu entendo essa jogada.

Não parava de sair coisa do pacote. Minha mãe falou:

- Que boazinha que é a Brunilda: sabe como a gente vive apertada e cada vez manda mais roupa.

Eu parei de fazer o dever e fiquei espiando. Vi aparecer uma bolsa; todo o mundo pegou, examinou, achou feia e deixou pra lá.

Antes, quando chegavam os pacotes da tia Brunilda e não sobrava nada pra mim, eu ficava numa chateação daquelas. E se eu pedia qualquer coisa o pessoal falava logo:

- Ora, Raquel, a tia Brunilda só manda roupa de gente grande, não serve pra você.

- É só cortar, diminuir.

- Não adianta: mesmo diminuindo tudo continua com cara de roupa de gente grande.

- Roupa não tem cara.

- Tem, sim senhora.

E nunca fiquei com nada. Num instantinho sumiam com tudo, e usavam; usavam, usavam até pifar. Aí, no dia que a roupa pifava, a gente ajeitava daqui e dali, e a roupa ficava pra mim. Eu não dizia nada. Até que uma vez não resisti e perguntei:

- Quer dizer que quando a roupa pifa, pifa também a tal cara de roupa de gente grande?

E o pessoal falou que sim, que era isso mesmo. (É por causa dessas transas que eu queria tanto crescer: gente grande tá sempre achando que criança tá por fora.)

Aí aconteceu uma coisa diferente: de repente sobrou uma coisa pra mim.

- Toma Raquel, fica pra você.

Era a bolsa.

A bolsa por fora:

Era amarela. Achei isso genial: pra mim amarelo é a cor mais bonita que existe. Mas não era um amarelo sempre igual: Às vezes era forte, mas depois ficava fraco; não sei se porque ele já tinha desbotado um pouco, ou porque já nasceu assim mesmo, resolvendo que ser sempre igual é muito chato.

Ela era grande; tinha até mais tamanho de sacola do que de bolsa. Mas vai ver ela era que nem eu: achava que ser pequena não dá pé.

A bolsa não era sozinha: tinha uma alça também. Foi só pendurar a alça no ombro que a bolsa arrastou no chão. Eu então dei um nó bem no meio da alça. Resolveu o problema. E ficou com mais bossa também.

Não sei o nome da fazenda que fez a bolsa amarela. Mas era uma fazenda grossa, e se a gente passava a mão arranhava um pouco.

Olhei bem de perto e vi os fios da fazenda passando um por cima do outro; mas direitinho; sem fazer bagunça nem nada. Achei legal. Mas o que eu ainda achei mais legal foi ver que a fazenda esticava: "vai dar pra guardar um bocado de coisa aí dentro".

A bolsa por dentro:

Abri devagarinho. Com um medo danado de ser tudo vazio. Espiei.

Nem acreditei. Espiei melhor.

- Mas que cortição! - berrei. E ainda bem que só berrei pensando: ninguém escutou nem olhou.

A bolsa tinha sete filhos! (Eu sempre achei que bolso de bolsa é filho da bolsa.) E os sete moravam assim:

Em cima, um grandão de cada lado, os dois com zíper; abri-fechei, abri-fechei, abri-fechei, os dois funcionando bem que só vendo.

Logo embaixo tinha mais dois bolsos menores, que fechavam com botão. Num dos lados tinha um outro - tão magro e tão comprido que eu fiquei pensando o que é que eu podia guardar ali dentro (um guarda-chuva? um martelo? um cabide em pé?). No outro lado tinha um bolso pequeno, feito de fazenda franzidinha, que esticou todo quando eu botei a mão dentro dele; botei as duas mãos: esticou ainda mais; era um bolso com mania de sanfona, como eu ia dar coisa pra ele guardar! E por último tinha um bem pequenininho, que eu logo achei que era o bebê da bolsa.

Comecei a pensar em tudo que eu ia esconder na bolsa amarela.

Puxa vida, tava até parecendo o quintal da minha casa, com tanto esconderijo bom, que fecha, que estica, que é pequeno, que é grande. E tinha uma vantagem: a bolsa eu podia levar sempre a tiracolo, o quintal não.

O fecho:

A bolsa amarela não tinha fecho. Já pensou? Resolvi que naquele dia mesmo eu ia arranjar um fecho pra ela.

Peguei um dinheiro que eu vinha economizando e fui numa casa que conserta e reforma bolsas. Falei que queria um fecho e o vendedor me mostrou um, dizendo que era o melhor que ele tinha. Custava muito caro, meu dinheiro não dava.

- E aquele? - apontei. Era um fecho meio pobre, mas brilhando que só vendo.

O homem fez cara de pouco caso, disse que não era bom. Experimentei.

- Mas ele abre e fecha tão bem.

O homem disse que o fecho era muito barato: ia enguiçar. Vibrei!

Era isso mesmo que eu tava querendo: um fecho com vontade de enguiçar.

Pedi pro vendedor atender outro freguês enquanto eu pensava um pouco. Virei pro fecho e passei uma cantada nele:

- Escuta aqui fecho, eu quero guardar umas coisas bem guardadas aqui dentro dessa bolsa. Mas você sabe como é que é, não é? Às vezes vão abrindo a bolsa da gente assim sem mais nem menos; se isso acontecer você precisa enguiçar, viu? Você enguiça quando eu pensar "enguiça!", enguiça?

O fecho ficou olhando pra minha cara. Não disse que sim nem que não. Eu vi que ele tava querendo uma coisa em troca.

- Olha, eu já vi que você tem mania de brilhar. Se você enguiçar na hora que precisa, eu prometo viver polindo você pra te deixar com essa pinta de espelho. Certo?

O fecho falou um "tlique" bem baixinho com todo o jeito de "certo".

Chamei o vendedor e pedi pra ele botar o fecho na bolsa.

Cheguei em casa e arrumei tudo que eu queria na bolsa amarela.

Peguei os nomes que eu vinha juntando e botei no bolso sanfona.

O bolso comprido eu deixei vazio, esperando uma coisa bem magra pra esconder lá dentro.

No bolso bebê eu guardei um alfinete de fralda que eu tinha achado na rua, e no bolso de botão escondi uns retratos do quintal da minha casa, uns desenhos que eu tinha feito, e umas coisas que eu andava pensando. Abri um zíper; escondi fundo minha vontade de crescer; fechei. Abri outro zíper; escondi mais fundo minha vontade de escrever; fechei.

No outro bolso de botão espremi a vontade de ter nascido garoto (ela andava muito grande, foi um custo pro botão fechar).

Pronto! A arrumação tinha ficado legal. Minhas vontades tavam presas na bolsa amarela, ninguém mais ia ver a cara delas.

CAPÍTULO 03 – O GALO

Acordei de repente com um barulho esquisito. Olhei pra janela e vi o dia nascendo. Outra vez o barulho. Quase morro de susto: era um canto de galo; e ali bem perto de mim.

Olhei minhas irmãs. Elas continuavam dormindo igualzinho, nem tinham ouvido canto nenhum. Espiei debaixo da cama, atrás da cadeira, dentro do armário - nada. Mas aí o galo cantou muito aflito: um canto assim de gente que tá presa e quer sair. "Tá dentro da bolsa amarela!"

Abri a bolsa correndo. O galo saiu lá de dentro.

- Puxa, se você não abre essa bolsa eu morria sufocado. Tinha pedido pro fecho ficar meio aberto pra eu poder respirar, mas ele acabou dormindo e fechou. - Voou pra janela, aterrissou na beirada, e ficou respirando fundo.

Eu estava de boca aberta: nunca tinha visto um galo usando máscara. E ele usava. Preta.

Tapando a cara todinha. Só dois furos pros olhos. Ele andou de um lado pro outro na beirada da janela.

Eu fiquei pensando quando é que eu tinha visto alguém andar bonito assim. Ele abriu as asas e voou pra junto da bolsa. Achei melhor fingir que nem tinha visto: ele podia ler no meu olho que eu tinha vidrado no vôo e aí ficar prosa demais. As penas do corpo dele brilhavam que nem o fecho; a gente usa anel no dedo mas ele usava na perna e usava dois: um azul e outro vermelho. Foi quando eu olhei pros anéis que de repente me assustei: "Ué, como é que pode?!" O rabo do galo era a coisa mais genial que eu já vi, porque de repente dava um troço nas penas, e em vez delas ficarem certinhas que nem no resto do corpo, elas ficavam com uma cara zangada, se arrepiavam, mudavam de cor (tinha pena vermelha, marrom, laranja, dourada, tinha até uma peninha branca não sei se de idade ou de bossa), e cada movimento que o galo fazia, elas todas se sacudiam, parecia até que elas tavam sambando, e quando ele parava, elas ainda ficavam dançando.

Quanto mais eu olhava pras penas, mais eu me assustava: "Puxa mas como é que pode?!"

Até que não resisti mais e falei:

- Sabe? Você é tão parecido com um galo que eu conheço, mas tão parecido mesmo...

Ele tirou a máscara e olhou pra mim. Parecido coisa nenhuma. Era ele mesmo. O Rei. O galo do romance que eu tinha inventado.

- O que é que você tá fazendo aqui?!

- Psiu! Fala baixo, tô fugido.

- Isso eu sei, ué, fui eu que fiz você fugir do galinheiro.

- Mas a questão é que eles me pegaram.

- Não brinca!

- Me levaram de volta. Pra tomar conta daquelas galinhas todas outra vez.

- Ai!

- Você não sabia?

- Não. O meu romance acabava no dia que você fugia. Foi até aí que eu inventei você.

- Pois é. Mas aí eu fiquei inventado e tive que resolver o que é que eu ia fazer da minha vida. Pensei pra burro.

Acabei resolvendo que ia lutar pelas minhas idéias.

Achei aquilo tão bacana! Na escola, quando a gente lê a vida de Tiradentes e desse pessoal importante, vem sempre essa frase junto: "homens que lutaram por suas idéias".

- Que legal, Rei. E você lutou?

- Não. Foi só resolver lutar que eles me levaram de volta pro galinheiro. Então eu chamei as minhas quinze galinhas e pedi, por favor, pra elas me ajudarem. Expliquei que vivia muito cansado de ter que mandar e desmandar nelas todas noite e dia. Mas elas falaram: "Você é o nosso dono. Você é que resolve tudo pra gente." Sabe, Raquel, elas não botavam um ovo, não davam uma ciscadinha, não faziam coisa nenhuma, sem vir me perguntar: Eu posso? Você deixa?" E se eu respondia: "Ora, minha filha, o ovo é seu, a vida é sua, resolve como você achar melhor", elas desatavam a chorar, não queriam mais comer, emagreciam, até morriam. Elas achavam que era melhor ter um dono mandando o dia inteiro: faz isso! Faz aquilo! bota um ovo! pega uma minhoca! do que ter que resolver qualquer coisa. Diziam que pensar dá muito trabalho.

- Ué.

- Pois é.

- Quer dizer que elas não te ajudaram?

- Se ajudaram? Ha! Quando eu expliquei que desde pequenininho eu sonhava com um galinheiro legal, todo o mundo dando opinião, resolvendo as coisas, achando furada essa história de um galo mandar e desmandar a vida toda, sabe o que é que elas fizeram?

Chamaram o dono do galinheiro e deram queixa de mim.

- No duro?

- Fiquei danado. Subi no puleiro e berrei: "Não quero mandar sozinho! Quero um galinheiro com mais galos! Quero as galinhas mandando junto com os galos!"

- Que legal!

- Legal coisa nenhuma; me levaram preso.

- Mas por quê?

- Pra eu aprender a não ser um galo diferente. Me botaram num quartinho escuro. Tão escuro que quando eu saí de lá tava todo preto. Só depois é que a cor foi voltando. Fiquei preso um tempão; sofri à beça. Aí, um dia, eles me soltaram. E foram logo dizendo: "Daqui pra frente você vai ser um tomador-de-conta-de-galinha como o seu pai era, como o seu avô era, como o seu bisavô era, como o seu tataravô era - senão volta pra prisão." E as galinhas disseram: "Deixa com a gente: se ele não se comportar direito a gente avisa." Mas eu não era que nem meu avô, que nem meu bisavô, que nem meu tataravô, o que é que eu podia fazer? Eu sei que ia ser muito mais fácil eu continuar pensando igualzinho a eles. Mas eu não pensava, e daí? Um dia botaram outro galo junto comigo. Só pra ver o que é que eu fazia. Eles tavam crentes que eu ia armar um barulho e dizer: "Ou você ou eu mandando no galinheiro! Vamos brigar pra resolver qual de nós dois é o dono dessas galinhas todas!" Mas em vez disso eu falei: "Oi, colega. Me ajuda a acabar com a mania da gente ter que mandar nelas todas?" Pra quê! Todo o mundo foi correndo fazer queixa de mim.

- Parou de falar e ficou olhando a bolsa amarela de crista franzida.

- Aí prenderam você de novo?

- Não deu tempo: eu fugi.

- Você veio logo pra cá?

- Não.

- O que é que você fez?

- Hem? Ah, eu... eu andei me escondendo numa porção de lugares, mas... sabe? Nenhum assim bom como a bolsa amarela.

- Por que?

Ele não parava de olhar pra bolsa.

- Não chove, não tem vento, ninguém se lembra de procurar a gente aí...

Fiquei sem saber o que é que eu falava. Tava na cara que o Rei queria um convite pra morar na bolsa amarela. Mas como é que ia ser? Eu carregava a bolsa pra tudo quanto é canto; quando as vontades engordavam ela ficava superpesada; com o Rei lá dentro eu não ia nem agüentar. Resolvi ser franca:

- Sabe, Rei? Já tem muita coisa na bolsa amarela: não dá pra você também.

- Nem por uma temporadinha?

- Acho que não.

- Ih, Raquel, mas se eles me pegam de novo vai ser fogo.

- Você arranja outro esconderijo.

- Tá difícil: cada vez tem menos lugar pra gente se esconder.

- É que, sabe, eu guardo muita coisa aí dentro.

- Eu sei, já examinei tudo. Mas achei que ainda sobrava um lugarzinho pra mim.

Fingi que não tinha ouvido. Ele suspirou:

- Aí dentro é tão sossegado. Eu precisava um lugar assim pra poder pensar com calma nas minhas idéias. Quem sabe ele falava nas idéias dele e acabava esquecendo de morar na bolsa amarela?

- Me conta uma coisa: quais são as suas idéias, hem?

- Pois aí é que está: ainda não deu pra ter nenhuma idéia.

- Ué! Se você não tem nenhuma idéia, como é que você vai lutar por uma idéia?

- Bom, primeiro eu preciso ter a idéia. Depois eu saio lutando.

- Puxa! você nunca bolou nada lá no galinheiro?

- Não dava jeito. Cada vez que eu começava a bolar um troço qualquer, vinha uma galinha perguntar o que é que ela ia fazer.

- E depois que você fugiu?

- Também não dava: eu vivia apavorado, achando que iam me pegar.

Fui ficando sem jeito de não deixar ele morar na bolsa amarela. Mas de repente me lembrei de outra coisa:

- Se descobrem que eu tô escondendo você, eu fico numa situação um bocado ruim.

- Bom, isso é mesmo... - E aí ele ficou quieto pensando. Depois botou a máscara e falou - Então até qualquer dia. - E foi indo embora. Fiquei num aflição danada. E se pegavam ele lá fora? E se ele não encontrava outro esconderijo bom? Aí mesmo é que ele nunca mais encontrava a tal idéia pra poder lutar por ela.

- Ei, Rei! - Ele parou e olhou pra mim. Abri a bolsa: - Pode entrar. - Ele nem esperou outro convite: deu um vôo espetacular, passou rentinho do nariz das minhas irmãs, e aterrissou dentro da bolsa. Mas deixou um pé no ar. Com jeito de entra-não-entra.

- Não faz cerimônia, entra logo.

- É que... sabe? Tem uma coisa que desde o princípio eu tô querendo dizer e ainda não disse. - E ficou me olhando.

- O que é que é, Rei?

- É isso mesmo: Rei. Não repara não, foi você quê escolheu meu nome, mas eu não gosto dele.

- Ah. não?

- Não. Eu sou um cara igual, gosto de sossego, sou um sujeito muito simples: esse nome não combina comigo. E tem outra coisa também: fica tão esquisito quando você diz: "Ei, Rei!" Parece que você tá dizendo que errou. Você se importa se eu pego aí no bolso sanfona um outro nome pra mim? Fico sempre chateada quando eu dou uma coisa e a pessoa não gosta. Mas fingi que não tava ligando:

- Claro, pode pegar.

Mais que depressa ele sumiu dentro da bolsa. Ficou lá dentro um tempão. Depois apareceu todo satisfeito:

- Peguei o Afonso.

- Afonso?!

- É.

Achei que ele e Afonso não combinavam de jeito nenhum.

- Mas você não tem cara de Afonso.

- Posso não ter cara, mas tenho certeza que o meu coração é um coração de Afonso. - Bocejou, disse que tava morrendo de sono, e eu então fechei a bolsa pra ele dormir. Mas fiquei pensando uma pergunta que não queria sair da minha cabeça. Lá pelas tantas não agüentei mais e abri a bolsa:

- Ei, Afonso! - Ele meio que acordou. - Como é que você veio parar aqui dentro da bolsa amarela, hem?

- Entrei na tua casa, comecei a procurar um lugar bom pra me esconder, vi a bolsa debaixo da cama e pronto.

- Mas como é que você entrou aqui? Você voou?

- Vim de elevador.

- Sozinho?

- Não, tinha mais gente.

- E ninguém viu que você era um galo fugido?

- Eu tava de máscara.

- Ah é! Então boa noite.

- Dorme bem.

*Extraído de: **A Bolsa Amarela**. Lygia Bojunga Nunes. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1993.*